

“DOMINE, NON SUM DIGNUS”

Senhor, eu não sou digno



No Advento de 2011, a Igreja Católica revisou o Missal Romano em Inglês e as orações que fazemos na Santa Missa. Foi um pequeno ajustamento para cada um de nós usar as palavras: “*Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e eu serei salvo.*” Esta tradução do texto original em Latim foi extraída da passagem evangélica de São Mateus, onde um centurião pede a Nosso Senhor que cure seu servo doente. Jesus diz que Ele virá e o curará. O centurião humildemente pronuncia estas palavras consciente de duas coisas: primeiro, seu desejo de que nosso Senhor traga cura e, segundo, sua indignidade de receber nosso Senhor em sua casa (Mt 8:8).



Estas palavras explicam o que cada um de nós deve estar ciente cada vez que assistimos à Santa Missa e nos aproximamos ao altar para receber nosso Senhor na Sagrada Comunhão – nosso desejo de estar mais perto Dele e de receber Sua Presença Real em nosso próprio corpo e alma, e também nossa própria indignidade. Agora, sejamos claros, nenhum de nós é digno, mas o Senhor Jesus, o Médico Divino, pode dizer a palavra para curar nossas almas para recebê-Lo. Ele sabe da nossa indignidade e, ainda assim, nos ama e quer trazer Sua cura para nossas vidas para que possamos realmente experimentar esse amor.

Nesta minha terceira Carta Pastoral, continuo meu humilde esforço para trazer maior consciência da nossa relação com o Senhor na Eucaristia. Na minha primeira carta, *Venite Adoremus*, expliquei a importância da Adoração Eucarística, que acompanhou a abertura da nossa Capela de Adoração Eucarística em São Miguel. Na segunda carta, *Dies Domini*, falei sobre a importância de santificar o Dia do Senhor e de assistir à Santa Missa todos os domingos. Nesta terceira carta, *Domine, Non Sum Dignus*, quero atingir a nossa preparação espiritual para receber dignamente o Senhor na Sagrada Comunhão.

Quero começar pedindo a quem lê esta carta que a leia a partir do coração pastoral do seu pároco e pai espiritual que cuida da sua alma e deseja genuinamente o seu bem-estar espiritual, sem qualquer sentimento de julgamento ou condenação. Estou ciente de que às vezes temas como isto podem ser mal interpretado e até incomodar alguém. Garanto-lhe que escrevo isto com plena consciência da minha própria pecaminosidade e indignidade, mas também com o desejo de que cada um de nós sejamos melhores discípulos do Senhor Jesus.

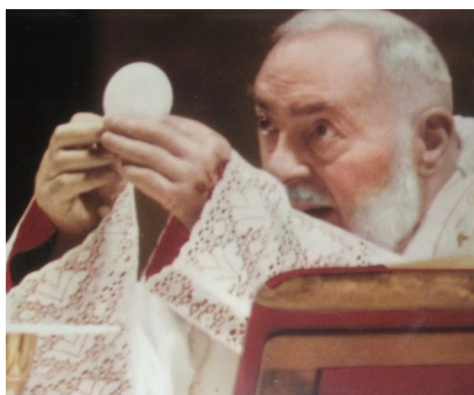
Penso que é importante notar primeiro que quando Jesus ensinou aos Seus seguidores sobre a Eucaristia, explicando que eles deveriam “*Comer o Seu corpo*” e “*Beber o Seu sangue*”, muitos responderam: “*Esta palavra é dura; quem pode aceitar isso?*” Infelizmente, “*como resultado disso, muitos de Seus discípulos retornaram ao seu antigo modo de vida e não mais o acompanhava*” (João 6:60, 66).

Quão lindos, quão sagrados e quão reverentes seríamos todos se disséssemos cada vez que saíamos do nosso banco para receber a Sagrada Comunhão: “posso receber ESTA Comunhão como se fosse a minha primeira Comunhão, a minha única Comunhão e a minha última Comunhão”.

Nesta breve carta pastoral, gostaria de falar sobre algumas coisas que realmente acredito que podem fazer uma diferença significativa na vida espiritual de cada um de nós e também na nossa paróquia.

O JEJUM DE COMUNHÃO

Um dos elementos essenciais da preparação adequada para a recepção da Eucaristia é chamado o “*Jejum de Comunhão*”. Durante muitos séculos, a Igreja exigiu um jejum rigoroso a partir da meia-noite antes de poder receber a Sagrada Comunhão – não comer nem beber nada. Na década de 1950, o Papa Pio XII introduziu uma prática muito mais relaxada de jejum antes de receber a Sagrada Comunhão (três horas de jejum de comida e uma hora de bebida). Isto foi feito para tornar mais fácil para os Católicos receberem a Sagrada Comunhão com mais frequência, especialmente nas missas matinais. No ano 1964, o Papa Paulo VI anunciou que o jejum eucarístico seria reduzido para uma hora antes da Comunhão, tanto para os sacerdotes como para os fiéis. Isto obviamente não se aplica a quem tem uma situação médica que possa comprometer a sua saúde (Direito Canónico, 919). Isso significa que quem precisa tomar remédio não quebra o jejum.



O jejum é uma prática que nos ajuda a preparar-nos para a Sagrada Comunhão, despertando em nós a fome de Deus e a sede de estar em comunhão com Ele. Também jejuamos antes de receber a Sagrada Comunhão como forma de nos lembrarmos de que estamos nos preparando para receber algo sagrado e divino – o pão que desceu do céu. Em termos práticos, isto significa que durante uma hora antes de recebermos a Sagrada Comunhão ou cerca de 30-40 minutos antes do início da Missa, devemos evitar comer ou beber qualquer coisa excepto água (a menos que seja clinicamente necessário), incluindo pastilha.

Isso também é importante ensinar aos nossos filhos. Embora uma mamadeira para uma criança seja claramente diferente, trazer lanches, cereais ou doces para as crianças não seria ensinar-lhes a devida reverência pela Casa de Deus e a preparação adequada para a Sagrada Comunhão.

RECEBENDO EM “ESTADO DE GRAÇA”

Ainda mais importante que o “*Jejum de Comunhão*” é uma preparação espiritual mais profunda que requer um exame da nossa consciência, e do estado da nossa alma antes de receber a presença de Deus na Eucaristia. Pense em quão particular Deus foi com Moisés na criação da Arca da Aliança – o recipiente de ouro que continha os artefatos sagrados de Israel (ÊX 25:22-27). Pense em como nosso Senhor preservou Maria da mancha do pecado ao concebê-la imaculadamente no ventre de sua mãe, Santa Ana, para que ela pudesse ser a “*Arca da Nova Aliança*” – tendo o Corpo de Cristo em seu ventre. (Lucas 1:35)

Todo o conceito e o próprio mistério da Eucaristia como Corpo e Sangue de Jesus Cristo tem sido um ponto de discórdia na Igreja desde o início. É um ensinamento difícil, é um grande mistério, mas não esqueçamos o que aconteceu depois que as multidões deixaram Jesus. Ele se voltou para Seus Apóstolos e perguntou se eles também iriam embora. São Pedro respondeu: "*Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna*" (João 6:68).

Permita-me começar com uma história. Como muitos de vocês sabem, todos verões, vários colegas do seminário e eu nos reunimos para passar uma semana de férias. É um momento para relaxarmos e desfrutarmos da companhia um do outro. Cada ano um padre diferente nos hospeda e escolhemos um local diferente do país para visitar. Todos os dias celebramos juntos a Santa Missa numa sala que convertimos em capela provisória. Em uma de nossas viagens anuais, fomos visitar uma das igrejas locais da cidade. Quando entrámos, a Missa já estava a ser celebrada e por isso esperámos calmamente nos fundos da Igreja e durante a distribuição da Sagrada Comunhão todos notámos a mesma coisa - sendo que todos nós éramos sacerdotes e normalmente distribuimos nós próprios a Sagrada Comunhão, isso não é algo que normalmente observaríamos.

O que cada um de nós testemunhou foi uma irreverência bastante significativa por parte daqueles que estavam na fila para receber a Sagrada Comunhão: alguns conversavam com as pessoas ao longo do caminho, acenando e fazendo o aberto de mãos; Outros procuravam pessoas que conheciam; Alguns estavam a mastigar pastilha; Uma delas estava até enviando uma mensagem de texto no celular; Tudo isso acontecia enquanto a maior parte da congregação se aproximava piedosamente ao Altar para receber a Sagrada Comunhão. Quando voltamos para casa, expressamos uns aos outros uma angústia comum pela situação atual, presumindo que esta não é uma situação exclusiva desta Igreja. Nós nos perguntamos como as coisas ficaram tão ruins. Quando nos esquecemos que ao nos aproximarmos do Altar, devemos nos preparar para receber o santíssimo e precioso dom que Deus nos deu - o Corpo e o Sangue de Seu Filho Unigênito no Santíssimo Sacramento.

Em contraste com este tipo de irreverência que provavelmente todos nós já experimentamos em algum momento, permitam-me apontar para a imagem das crianças recebendo a Primeira Comunhão na nossa paróquia. Muitos comentaram como são inspiradoras as fotos dessas crianças com tanto espanto eucarístico no rosto. É preciso muito esforço para preparar estes jovens católicos para um dos momentos mais importantes das suas vidas. Como padre, direi que há muito poucas coisas tão bonitas para mim como ver meninas e meninos com as mãos postas, línguas estendidas, olhos cheios de excitação e parecendo muito ansiosos quando a Sagrada Comunhão é colocada em suas línguas pela primeira vez. Se ao menos todos nós pudéssemos ficar cheios de tanta expectativa e espanto piedoso toda a vez que recebemos nosso Senhor.



Obviamente, nunca podemos julgar o quão preparado ou focado alguém está para receber a Sagrada Comunhão internamente a partir da sua disposição externa (nem devemos nunca julgar o coração ou a alma de alguém, nesse caso). No entanto, todos devemos nos esforçar para estar focados tanto externa quanto internamente como indivíduos quando nos aproximamos do Altar para receber a Sagrada Comunhão.

Uma das coisas mais importantes que já me disseram sobre a preparação para a Santa Missa como sacerdote pode facilmente ser aplicada a cada um de nós na nossa própria preparação para receber Nosso Senhor na Sagrada Comunhão. Disseram-me: *“Reze ESTA Missa, como se fosse a minha primeira Missa, a minha única Missa, a minha última Missa”*.

Devemos desejar receber o nosso Senhor em nossas vidas com um coração puro e uma consciência limpa. Pense bem, nunca receberíamos um hóspede importante em nossa casa sem primeiro nos certificarmos de que ela esteja limpa e devidamente preparada. Muito mais deveríamos preparar as nossas almas para o nosso amoroso Salvador que morreu na cruz por nós. Lutemos todos contra a atitude minimalista que diz: *“pelo menos eu estou aqui”* ou *“somos todos pecadores”* – uma atitude que só leva a uma fé morna. Esforcemo-nos para dar sempre ao nosso Senhor o esforço que Ele merece.

São Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, abordou exatamente este assunto. Ele nos ensina que *“quem comer o Corpo do Senhor ou beber Seu sangue indignamente será culpado de profanar o corpo e o sangue do Senhor. Examine-se cada um a si mesmo, porque se comemos e bebemos sem discernir, comemos e bebemos julgamento sobre nós mesmos”* (1Co 11:27-28). Estas são palavras poderosas sobre as quais todos devemos refletir frequentemente.

Infelizmente, muitos vêm recebê-Lo espiritualmente despreparados, ou pior, em *“estado de pecado”*. Como já mencionei inúmeras vezes, isto é indicado pelo facto de as filas para a Sagrada Comunhão serem muitas vezes muito longas, enquanto as filas para a confissão são muitas vezes muito curtas. Isto não acontece porque os católicos pararam de pecar, mas porque muitos perderam o sentido da incrível santidade de Jesus na Eucaristia. Não posso encorajar o suficiente a prática da confissão frequente para que possamos permanecer no estado de graça de Deus e devidamente dispostos a receber dignamente a Sagrada Comunhão. A confissão certamente está disponível em nossa paróquia.



Para recebê-lo dignamente na Sagrada Comunhão, os católicos devem primeiro estar em comunhão com Cristo, uma comunhão que é rompida pelo pecado mortal. Quando cometemos um pecado grave, como perder uma missa dominical ou um dia santo de obrigação sem motivo válido, precisamos ir a Jesus no Sacramento da Reconciliação (confissão) antes de recebê-lo na Sagrada Comunhão.

Penso que é importante aqui fornecer uma distinção clara sobre o pecado: A Igreja distingue entre *“pecado mortal”* e *“pecado venial”* – entre o pecado que é *“mortal”* e o pecado *“que não é mortal”* (1 João 5:16, 17). O pecado mortal é a corrupção da vida divina e sobrenatural que recebemos no batismo, que é a graça santificadora. O pecado venial, embora não seja mortal, fere e enfraquece o nosso desejo de permitir que a graça de Deus atue sobre nós. Este pecado nos desvia, mas não nos separa completamente de Deus como faz o pecado mortal.

Para que algo seja um *“pecado mortal”*, tem que ser algo grave (quebrar um dos Mandamentos, por exemplo), temos que saber que é errado e temos que escolher livremente cometer o pecado de qualquer maneira, sabendo que isso prejudica nosso relacionamento com nosso Senhor.



Os pecados veniais são perdoados no início da Santa Missa durante o Rito Penitencial, no qual rezamos: *"Confesso a Deus Todo-Poderoso e a vós, meus irmãos, que pequei..."* No final daquele ato público de penitência, que pressupõe arrependimento interior, o sacerdote faz uma oração de absolvição – *"Que Deus Todo-Poderoso tenha misericórdia de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna"*. Neste rito penitencial os pecados veniais são perdoados.

Se tivermos consciência de ter cometido um *"pecado mortal"*, devemos abster-nos de receber a Sagrada Comunhão até nos confessarmos. Os pecados mortais só são perdoados na confissão sacramental. Jesus, o Médico Divino, deve primeiro ter permissão para *"nos levantar"* de nossa sepultura espiritual para que Ele possa nos restaurar à comunhão com Ele e Sua Igreja (Lucas 7:11-14). Só então poderemos *"receber algo para comer"*, que é a Eucaristia (cf. Marcos 5,35-43).

O Catecismo da Igreja Católica explica que *"Segundo o mandato da Igreja, depois de ter atingido a idade da discricção, cada um dos fiéis está obrigado à obrigação de confessar fielmente os pecados graves pelo menos uma vez por ano. Quem tem consciência de ter cometido um pecado mortal não deve receber a Sagrada Comunhão, mesmo que sinta profunda contrição, sem antes ter recebido a absolvição sacramental, a menos que tenha um motivo grave para receber a Comunhão e não haja possibilidade de se confessar. As crianças devem ir ao sacramento da Penitência antes de receberem a Sagrada Comunhão pela primeira vez"*. (CCC 1457)

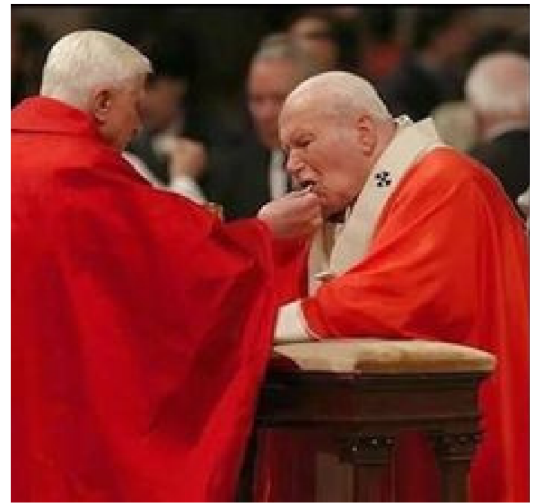
O Cardeal Joseph Ratzinger, que se tornou Papa Bento XVI, abordou um equívoco muito comum de que todos os que assistem à Missa deveriam receber a Sagrada Comunhão. Permitam-me citá-lo aqui detalhadamente, pois suas palavras são muito mais eloqüentes que as minhas:

"Hoje em dia há quem diga que a Eucaristia é a continuação da refeição com os pecadores que Jesus realizou, uma noção com consequências de longo alcance. Significaria que a Eucaristia é o banquete dos pecadores, onde Jesus se senta à mesa; que a Eucaristia é o gesto público pelo qual convidamos a todos, sem exceção. A lógica disto exprime-se numa crítica de grande alcance à Eucaristia da Igreja, pois implica que a Eucaristia não pode estar condicionada a nada, não dependendo da denominação ou mesmo do batismo. É necessariamente uma mesa aberta à qual todos possam encontrar o Deus universal".

Ratzinger continua: *"A Eucaristia não é em si o sacramento da reconciliação, mas na verdade pressupõe esse sacramento. É o sacramento dos reconciliados, ao qual o Senhor convida todos aqueles que se tornaram um com Ele; que certamente ainda permanecem pecadores fracos, mas ainda assim lhe deram a mão e se tornaram parte de sua família"*. (Ratzinger, obras coletadas, volume 11 Ignatius Press 273-274).

Antes de ser eleito Papa, ele também respondeu a uma pergunta formal apresentada ao seu gabinete (Cong. Pela Doutrina da Fé) pelos bispos dos Estados Unidos sobre a recepção da Sagrada Comunhão, por aqueles na vida pública que manifestaram publicamente a separação da comunhão com a Igreja. O Cardeal Ratzinger respondeu claramente a esta questão com a seguinte resposta.

Apresentar-se para receber a Sagrada Comunhão deve ser uma decisão consciente, baseada num julgamento fundamentado sobre a sua dignidade para o fazer, de acordo com os critérios objetivos da Igreja, fazendo perguntas como: *“Estou em plena comunhão com a Igreja Católica? Sou culpado de pecado grave? Incorri em alguma pena (por exemplo, excomunhão, interdito) que me proíbe de receber a Sagrada Comunhão? Eu me preparei jejuando por pelo menos uma hora?”* A prática de se apresentar indiscriminadamente para receber a Sagrada Comunhão, apenas como consequência da presença na Missa, é um abuso que deve ser corrigido.



Ambas as práticas – jejuar antes de receber a Sagrada Comunhão e estar livre de qualquer pecado grave é uma maneira segura de começar a estar espiritualmente preparado para receber dignamente a Comunhão. Infelizmente, as gerações mais jovens desconhecem quase totalmente estas práticas piedosas e algumas gerações mais velhas permitiram que fossem esquecidas. Mas não nos enganemos, é o claro ensinamento e prática da Igreja, que como nossa Mãe, quer que todos estejamos bem preparados para que possamos receber todas as graças e bênçãos que advêm de receber dignamente os sacramentos.

À medida que nos esforçamos para crescer num maior amor e devoção a Nosso Senhor na Eucaristia, lembremo-nos e reflitamos sobre as palavras que oramos imediatamente antes da Comunhão - *“Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e eu serei salvo.”*

Permita-me uma segunda história para chegar ao segundo ponto a respeito de levar a nossa paróquia e todos os paroquianos a uma maior preparação e recepção reverente da Sagrada Comunhão. Em Outubro de 2003, poucas semanas depois de ter chegado a Roma para a minha formação no seminário para o sacerdócio, a cidade encheu-se de muitos turistas para dois eventos extraordinários. O primeiro foi o 25º aniversário do Papa São João Paulo II como papa; a outra foi a beatificação de Madre Teresa de Calcutá. Muitos dos meus amigos e eu tivemos o privilégio de assistir à missa. Como havia tantas pessoas, pediram-nos que erguêssemos guarda-chuvas brancos do Vaticano para indicar onde a Sagrada Comunhão estava a ser distribuída. Ver tantas pessoas foi um grande testemunho de uma mulher que amava tanto o Senhor e que fez um trabalho tão heróico ao demonstrar esse amor aos mais pobres entre os pobres.

As Missionárias da Caridade (comunidade religiosa fundada por Madre Teresa) não têm reservas em estender a mão e tocar Cristo que vêem nos pobres, ministrar-lhes enquanto morrem nas ruas, limpar feridas e amá-los porque vêem Jesus Cristo neles.

Por mais que estejam dispostos a estender a mão e tocar os membros mais pobres do corpo de Cristo, optam, no entanto, por não tocá-Lo em sua Presença Real no Santíssimo Sacramento. Todas as irmãs de Madre Teresa estão unidas tanto nas muitas horas de adoração orando diante do Santíssimo Sacramento como no fato de que todas recebem a Sagrada Comunhão da mesma forma – na língua.

Eu li recentemente um artigo referenciando uma entrevista da Beata Madre Teresa conduzida pelo Pe. George Rutler, sacerdote da Arquidiocese de Nova York. Ele perguntou a Madre Teresa: *"Madre, o que você acha que é o pior problema do mundo hoje?"*



Ela, mais do que ninguém, poderia citar uma série de coisas horríveis que testemunhou em primeira mão: fome, peste, doença, desintegração da família, rebelião contra Deus, corrupção da mídia, dívida mundial, ameaça nuclear e assim por diante. Sem parar um segundo, Madre Teresa disse: *"Onde quer que eu vai-a no mundo inteiro, o que mais me deixa triste é ver as pessoas receberem a Comunhão na mão"*. Estas são certamente palavras poderosas de uma mulher tão humilde e compassiva. Com isto ela estava se referindo ao facto de que durante centenas de anos as pessoas se apresentavam para receber a Sagrada Comunhão ajoelhadas e recebendo na língua - uma imagem que nos fornece um claro lembrete em nossa postura de que estamos fazendo algo sagrado e santo.

COMUNHÃO NA LÍNGUA

Receber na mão, embora hoje certamente seja permitido pela Igreja em alguns países, não nos lembra necessariamente da sacralidade e da solenidade da realidade de que estamos recebendo o próprio Deus. Dom Guido Marini, ex-Mestre de Cerimônias Papais, explicou que *"É nesta perspectiva que o Papa Bento XVI começou a distribuir a Sagrada Comunhão aos fiéis ajoelhados diretamente na língua. Com o exemplo desta ação, o Santo Padre convidou-nos a tornar visível a própria atitude de adoração diante da grandeza do mistério da presença eucarística de Nosso Senhor"*.

Em Maio de 1969, a Sagrada Congregação para o Culto Divino emitiu o documento *Memoriale Domini*, que concedia permissão para que a Comunhão fosse recebida na mão, explicando que *"É certamente verdade que o antigo costume permitia que os fiéis levassem este alimento divino em suas mãos, e colocá-lo eles mesmos na boca."* Nesse mesmo documento, porém, a Congregação também declarou que *"O método de distribuição da Sagrada Comunhão (na língua) deve ser mantido, não apenas porque tem muitos séculos de tradição, mas especialmente porque expressa a reverência que os fiéis temos para a Eucaristia"*.

Ao conceder a concessão para permitir a distribuição da Comunhão nas mãos dos fiéis, a Igreja expressou esta cautela: *"O facto de o leigo poder agora receber a Sagrada Comunhão na mão não deve sugerir a ninguém que se trata de pão comum, ou qualquer objeto sagrado. Pelo contrário, deveria fortalecer o sentido da dignidade de alguém como membro do Corpo Místico de Cristo. Deve-se possuir uma atitude respeitosa que seja proporcional ao que se está fazendo."*

Tudo isto levanta a questão: a prática de receber a Sagrada Comunhão *"na mão"* realmente fortaleceu e esclareceu a nossa fé na Presença Real? As pessoas têm maior crença e reverência por Nosso Senhor na Eucaristia do que nos dias em que todos os fiéis se ajoelhavam e recebiam na língua?

As minhas cartas pastorais foram todas escritas em resposta aos relatos de que a maioria das pessoas que se identificam como católicas não acreditam na Verdadeira Presença de Cristo na Eucaristia. Penso que uma parte essencial do Reavivamento Eucarístico Nacional deve colocar a questão de como chegámos a tal falta de fé. Devemos perguntar o que fizemos que levou a isso, para que possamos consertar.



AJOELHANDO-SE PARA RECEBER A SANTA COMUNHÃO DO SACERDOTE

Pessoalmente, acredito que um dos únicos benefícios resultantes da pandemia foi que ela me deu a oportunidade de restaurar duas práticas tradicionais de São Miguel e São José – apenas o sacerdote, cujas mãos foram consagradas pelo Sagrado Crisma, distribui a Sagrada Comunhão e o uso de ajoelhadores para que a antiga prática de ajoelhar-se para receber Nosso Senhor na Sagrada Comunhão possa ser restaurada. Ambas as práticas foram retomadas durante a pandemia para limitar o contacto humano, mas também de forma a colmatar a falta de crença e reverência pelo Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Rezo para que tenham sido recebidos assim e tenham cultivado um amor maior pelo nosso Senhor Eucarístico. É por isso que mantivemos a prática.

Certamente, há muitos católicos fiéis, piedosos e reverentes que se apresentam para receber a Sagrada Comunhão na mão. Muitos que optam por receber desta forma têm um grande amor e devoção ao Senhor e um desejo de adorá-lo e adorá-lo na Eucaristia. Eles se apresentam e fazem um “trono para nosso Senhor com as mãos”. Eles devem ser elogiados pelo exemplo reverente que fornecem. No entanto, aproveito esta oportunidade para encorajar todos os nossos paroquianos a regressarem a esta prática tradicional de receber na língua enquanto estão ajoelhados (se forem fisicamente capazes de o fazer).

Encerrarei esta carta pastoral com as palavras do Papa São João Paulo II. Fui pessoalmente inspirado e edificado não só pelos seus profundos escritos sobre a Eucaristia, mas ainda mais por testemunhar a profunda reverência que ele demonstrou ao celebrar a Santa Missa e ao receber ele próprio a Sagrada Comunhão. Ele nos proporcionou a seguinte reflexão:



“A doutrina da Eucaristia, sinal de unidade e vínculo de caridade, ensinada por São Paulo, foi nos tempos posteriores aprofundada pelos escritos de muitos santos que são para nós exemplos vivos de culto Eucarístico. Devemos ter sempre esta realidade diante dos nossos olhos e, ao mesmo tempo, devemos tentar continuamente fazer com que também a nossa própria geração possa acrescentar novos exemplos aos exemplos maravilhosos do passado, novos exemplos não menos vivos e eloquentes, que irão reflectir a época a que pertencemos» (Dominicae Cenaes, 5).

Sr. Padre Jay Mello,

Pároco

Primeiro Domingo de Advento